



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião de apresentação dos resultados do governo

Brasília-DF, 05 de julho de 2004

Meus companheiros e companheiras ministros e ministras de Estado,
Meus companheiros líderes dos partidos da base de sustentação do governo,

Meu companheiro Aloízio Mercadante, líder do governo no Senado,
Meu companheiro Fernando Bezerra, líder do governo no Congresso Nacional,

Meu companheiro Luizinho, líder do governo na Câmara dos Deputados,
Presidentes de empresas públicas e autarquias,
Presidentes dos bancos públicos,
Assessores especiais,

Nada disso que o nosso companheiro ministro José Dirceu expôs seria possível de acontecer se não fosse o trabalho coletivo e, ao mesmo tempo, a dedicação diuturna de cada um de vocês.

Vocês sabem perfeitamente bem com foi que nós trabalhamos para ganhar essas eleições. Eu tenho aqui, à mesa, a testemunha mais viva da demonstração de que fizemos esse trabalho de equipe, quando fui procurar o meu companheiro José Alencar para convidá-lo a ser vice na minha chapa. Parecia humanamente impossível, foi no Hotel Wembley, em Minas Gerais, hotel que era dele, e onde eu me hospedava desde 1989, sem saber que era dele, porque era o mais barato e o melhor que nós tínhamos lá na gloriosa capital mineira. Lá, éramos tratados como se estivéssemos em casa, e foi onde pela primeira vez eu, o companheiro Nilmário, Patrus e Maria do Carmo ousamos conversar com o José Alencar e convidá-lo para o ser nosso vice.



E é engraçado, porque eu aprendi a admirar o José Alencar pelo discurso que ele fez, porque até então eu não o conhecia. Foi quando estava acontecendo em Belo Horizonte uma grande festa, em que ele completava 50 anos com a atividade empresarial. O Ciro estava presente. E foi depois do discurso do companheiro José Alencar que eu tive a certeza que ali, naquela Minas Gerais, eu tinha encontrado o meu vice. Precisava apenas contar para ele e tentar discutir por qual partido ele seria o meu vice, já que o PMDB, que até então era o partido dele, estava ligado ao governo que nós substituímos.

O que nós fizemos até agora não seria possível se não houvesse entre nós um grau de amizade, um grau de companheirismo como existe. Apesar de ele ser mais novo que eu, eu o tenho tratado com o respeito de pai, de irmão, de companheiro de verdade, porque nós entramos nessa briga juntos e ganhamos juntos. Eu tenho a noção da importância dele para que nós ganhássemos as eleições. Eu acho que foi o trabalho de cada um mas, sobretudo, a garantia que ele nos deu junto a um setor importante da sociedade que desconfiava de nós. Isso foi extremamente importante para que nós chegássemos à vitória.

Portanto, José Alencar, você esteja certo que deu um passo extraordinário para que nós mudássemos um pouco a história do país. É importante que nós também tenhamos clareza, e eu quero aqui agradecer de público a dedicação de cada ministro, de cada companheira ministra, de cada companheiro assessor especial, de cada presidente de banco, presidente das empresas públicas, presidente de autarquias, porque muitas vezes nós nem nos conhecemos ou só conhecemos de algum encontro. Muitos eu só vi no dia da indicação e nunca mais os encontrei, e é quase humanamente impossível encontrar todo santo dia. É por isso que eu digo sempre que, em política, você trabalha muito mais estabelecendo uma relação de confiança. Ou seja, você confia em alguém, portanto, permite que aquele alguém confie em outro



alguém e monte a sua equipe, e você só pode desejar sorte para que as coisas funcionem da forma como estão funcionando.

Eu penso também que poucas vezes na história republicana um governo foi cobrado, sistematicamente, como o nosso. E acho isso bom. Não acho isso ruim, não. Eu acho que quando somos cobrados, nós temos que ter clareza que as pessoas estão cobrando de nós da mesma forma que sempre cobramos dos outros. Acho isso saudável para a democracia e para que a gente esteja sempre preparado para fazer cada vez mais, aprimorar o que já fez e fazer melhor da próxima vez. Portanto, vocês não podem nem ficar chateados quando vêem uma crítica na imprensa e nem ficar felizes quando vêem um elogio. Vocês têm que ter na consciência de vocês a certeza de que estão cumprindo aquilo que se propuseram a cumprir. Eu acho que é isso que conta, porque nós seremos medidos, mesmo, quando terminarmos os nossos quatro anos de mandato e pudermos ver o conjunto da obra construída pelo governo. E aí poderemos comparar, historicamente, com outros governos que passaram por este nosso querido país.

Eu quero agradecer de coração o trabalho e a dedicação de cada um de vocês. Quero dizer que sofro quando vejo uma crítica a um de vocês na imprensa: é ministro que cai, é ministro que sobe, é ministro que é promovido, é ministro que não é promovido, todo santo dia. E eu aprendi uma coisa fantástica, nesses 18 meses – não são os últimos 18 meses, são os primeiros 18 meses do nosso governo – eu aprendi que a arte de governar é a arte de ter paciência. Ou seja, é a arte de não perder, nunca, a noção do tempo e do compromisso que se tem pela frente. Portanto, não é dado a nós o direito de perder a paciência, mesmo nos momentos de maior adversidade. Até porque este governo não é um governo inexperiente como, muitas vezes, se tentou passar aos meios de comunicação. Este governo tem três ex-governadores de Estado; este governo tem seis ou sete ex-prefeitos de capitais; este governo tem vários secretários; tem vários ex-ministros, portanto é um governo com um



cabedal de experiência muito grande. E vocês aprenderam que não podem nem perder a paciência e, muito menos, ter ansiedade demais. A ansiedade demais é que faz com que os bons jogadores percam os gols. E como nós não podemos perder os gols, não podemos também ter ansiedade, não podemos ficar angustiados, achando que nós deveríamos ter feito em 17 meses aquilo que outros não fizeram em 18 anos, aquilo que outros não fizeram em décadas, neste país.

Agora, qual é o problema que nós temos que enfrentar? Vocês vão receber ou já receberam este material. Eu quero dizer para vocês que, quando eu fui, na minha mais recente viagem a Nova Iorque, fazer uma exposição do Brasil e das políticas do Brasil para investidores americanos, tinha lá vários assessores, tinha vários ministros e estavam à mesa o companheiro Furlan, o companheiro Palocci e o companheiro Guido Mantega. E eles levaram um trabalho feito pela Secom, que norteou a exposição deles. Primeiro, quero, agora, dizer para os três o que eu não disse na época, porque senão vocês iam ficar muito vaidosos, mas foi a mais extraordinária exposição que eu vi do nosso governo, lá fora. Não só vocês estavam felizes na exposição, como estavam dotados de informações e de um material didático que permitiu que quase chegassem à perfeição. E eu não tenho dúvida nenhuma de que poucas vezes algum investidor estrangeiro entendeu as coisas do Brasil como nós demos a ele razões para entender depois daquela exposição.

E eu comecei a pensar que se nós somos capazes de ir aos Estados Unidos e fazer uma exposição dessa magnitude, porque que nós não podemos fazer essa exposição para os nossos ministros, para os nossos líderes lá no Congresso Nacional que, muitas vezes, são atacados de forma veemente, às vezes com verdade, às vezes com infâmias, e não tem as informações adequadas para fazer comparação com quem está nos atacando, porque a comparação com o nosso programa de governo será feita no final do nosso governo.



Mas eu quero, mensalmente, semestralmente e anualmente fazer a comparação com o que aconteceu em qualquer ano. Pode, quem quiser, escolher o ano, que nós faremos comparação das nossas políticas públicas com relação a todos os que querem discordar da política do governo. Primeiro, é um direito discordar, mas quem diz o que quer, muitas vezes é obrigado a ouvir o que não quer. E como nós temos coisas para dizer, nós não temos que, em nenhum momento, vacilar em topar a disputa. Diferentemente de outros momentos da história deste país, em que se discutia a não ida de ministro ao Congresso Nacional, eu tenho sido o maior incentivador. Às vezes, o maior. Até empurro os companheiros para antecipar a ida ao Congresso Nacional. Qualquer ministro, de qualquer área, do presidente do Banco Central ao ministro da Fazenda, à ministra do Meio Ambiente, ou seja, não importa a área. Nós estamos dispostos a ir ao Congresso Nacional debater com todas as bancadas os acertos e os erros do governo. Não tem um problema, não tem ministro, neste governo, que se recuse a participar de quantos debates forem necessários.

E queremos fazer confronto, não apenas de idéias, mas queremos fazer confrontos de realizações, de números, de coisas concretas e objetivas que estão acontecendo no país. E eu acho que nós fizemos, até agora, muito mais do que o tempo permite fazer. E, certamente, muito menos do que nós temos como compromisso histórico para fazer neste país.

Tem muita gente que acha que está chegando um ano eleitoral. Em cada lugar onde vai o ministro, cada lugar onde vai o presidente, tem manifestações contra. E eu sempre digo para os companheiros que estão comigo: não fiquem preocupados não, porque se tem alguém nestes 8 milhões e meio de quilômetros quadrados que não pode reclamar de manifestações, sou eu. Porque já fiz todas as que foram necessárias fazer neste país. E não vou me queixar nunca.

A companheira Nilcéa me chamava a atenção para uma coisa, esses



dias. Eu estava dizendo que no Brasil, antes de 1967, antes do advento do Sistema Financeiro de Habitação, nós não ficávamos habituados a esperar que o governo construísse uma casa para a gente. Era um outro tempo, em que a gente pegava o dinheiro, comprava uma casa, comprava um terreno à prestação, comprava o material e fazia a casa. Hoje não, todo mundo fica esperando que o governo resolva. E ela me dizia: “Presidente, não se esqueça que parte desse hábito foi o senhor que incutiu nas cabeças das pessoas”. Então, a partir daí, eu também achei que está legal. Se foi isso mesmo, então eu acho que nós temos que conviver com isso da forma mais democrática, mais saudável possível, tentando cada vez mais colocar uma pitada de politização nas pessoas e não permitir apenas o debate politizado pensando num processo eleitoral. A eleição termina no dia 3 de outubro ou dia 3 de novembro. O nosso mandato termina no dia 1º de janeiro de 2007, portanto, nós não podemos jogar as nossas fichas porque tem uma eleição, todos os debates devem ser feitos durante o processo eleitoral, como foi feito o do salário mínimo. O salário mínimo é baixo, não porque o presidente Lula e o seu governo não conseguiram dar o aumento necessário. Ele é baixo porque, historicamente, ele sempre foi baixo neste país. Ele é baixo porque, historicamente, não se cuidou adequadamente do salário mínimo no Brasil.

E foi muito engraçado, eu ver na televisão, a quantidade de discursos pedindo aumento para o salário mínimo, pessoas que passaram 8 anos evitando que ele aumentasse. Então, é nessas horas – eu até vi o Aloízio Mercadante calmo – é nessas horas que a gente tem que estar calmo mesmo. E sabe o que acontece? O povo é mais inteligente, o povo é mais politizado e o povo percebe quando uma coisa é real ou quando não é real. E o povo tem clareza. Se tem alguém, neste país, que pode recuperar o poder aquisitivo do salário mínimo, é quem vos fala. Porque muitos que votaram contra, mesmo que estivessem na Presidência, não teriam a preocupação que eu acho que todos nós temos que ter com o salário mínimo, porque só por ser o mínimo, é



muito baixo. E nós temos que tratar de recuperá-lo e fazer com que, cada vez mais, menos gente ganhe o salário mínimo neste país.

O dia em que nós tivermos apenas 1 milhão, de 170 milhões, ganhando o mínimo, ele deixará de nos preocupar. Mas enquanto nós tivermos o montante e, sobretudo, uma grande parte ligada à Previdência, obviamente que isso preocupa qualquer cidadão, não apenas quem ganha, mas, sobretudo, quem governa. Vamos trabalhar com carinho para encontrar uma solução para o salário no nosso país.

Mas a coisa mais importante – eu penso que os deputados que estão aqui, os ministros – precisam ter clareza que nós estamos criando um novo patamar na relação entre a sociedade e o Estado, entre o Estado e a sociedade. Eu vou citar alguns exemplos para vocês. Historicamente, no Brasil, as marchas que os prefeitos faziam para pedir benefícios eram rechaçadas, ou porque os presidentes não recebiam prefeitos, ou porque, muitas vezes, quem esperava os prefeitos eram os policiais com cachorros bem adestrados para não permitir que eles fizessem qualquer provocação aos governantes. Pois bem, nós estamos há 18 meses e nas duas marchas dos prefeitos a totalidade do nosso governo, a começar pelo Presidente da República, esteve na marcha. Estivemos não apenas falando, estivemos prestando contas, estivemos debatendo, e foi com muito orgulho que, no último encontro dos prefeitos, aqui em Brasília, ouvi da boca de um prefeito que, pela primeira vez, eles tiveram 90% da demanda deles atendidas pelo nosso governo. A ponto de vermos prefeitos, como o César Maia, do PFL, entregar por escrito, na reunião de prefeitos das capitais – há 12 anos ele cuida da administração pública da cidade do Rio de Janeiro – de que nunca a cidade do Rio de Janeiro recebeu a quantidade de dinheiro que recebeu do nosso governo. Ele ainda brincou comigo: “Presidente, no Rio de Janeiro, eu só falo bem do senhor. Agora, com sou vice-presidente do PFL, de vez enquanto eu sou obrigado a fazer uma crítica num jornal de outro estado.”



E acho interessante isso, porque os prefeitos das três entidades que representam os prefeitos sabem que eles nunca foram tratados com o respeito com que eles são tratados neste governo. Tem uma Secretaria Especial na Caixa Econômica para atender prefeito, tem aqui na Casa Civil um grupo especial, coordenado pelo companheiro Trevas, só para cuidar de prefeito. Eu acho que eles nunca tiveram isso na vida.

Da mesma forma que é a nossa relação com a sociedade. Eu só não participei, até agora, de uma conferência nacional, das assistentes sociais, porque eu não estava aqui, em Brasília. Mas participei de todas as conferências nacionais que aconteceram até agora, todas. A começar pela conferência da pesca, que foi feita em Luziânia. Participamos de todas, sem nenhuma preocupação com o tratamento que iríamos receber lá, porque uma coisa que vocês têm que conhecer e reconhecer é que, se um dia, o Presidente da República deste país, eleito em 2002, não puder ir a uma conferência, que representa a organização da sociedade, é porque alguma coisa está errada. E mesmo se tiver alguma coisa errada, eu tenho que ir, para explicar porque está errada.

Eu nasci no meio dessa gente. Eu trabalhei com eles durante quase um terço da minha vida. Eu não posso agora, porque sou o Presidente, deixar de participar das coisas com pessoas que militaram comigo a vida inteira neste país. E vamos lá para enfrentar situações difíceis, às vezes, mas vamos estabelecer uma outra relação. Eles têm que saber que o governo está sendo honesto e sincero com eles, que o governo quer construir o máximo que for possível mas, muitas vezes, somos obrigados a fazer apenas aquilo que nós podemos e não a totalidade das coisas que nós queremos.

Eu não sei se o companheiro José Dirceu disse, mas uma coisa extraordinária – eu mesmo, quando era deputado constituinte, tirava a gravata, porque eles exigiam que se tirasse a gravata, e vinha fazer manifestações aqui, a favor de um fundo nacional de moradia; ele foi aprovado agora, depois de



tantos e tantos anos à espera no Congresso Nacional.

Então, a nossa relação com a sociedade é dizer cada vez mais para eles que não é possível fazermos tudo que precisa ser feito neste país, num passe de mágica, mas vamos fazer. O que é preciso é que eles tenham certeza da lisura da nossa relação com a sociedade, seja de empresários ou de trabalhadores. A verdade vale para ambos. Não temos que mentir, não temos que enganar, não temos que ficar tentando fazer com que as pessoas acreditem em coisas que nós não vamos fazer. A verdade é o melhor remédio para quem exerce uma atividade política. E, por isso, nós temos que exercê-la em toda a sua plenitude.

As câmaras de negociações que nós criamos neste país, de que o José Dirceu falou. Aqui, tem companheiros que já participaram do governo ou estão na política há muitos e muitos anos. Nunca houve um acordo neste país entre servidores públicos e o Estado brasileiro, nunca houve um acordo assinado por todas as entidades. Este ano houve, porque nós tivemos o cuidado de criar uma câmara de negociação que, em alguns momentos, envolveu o Ministério do Planejamento e mais sete ministros, alguns dos melhores sindicalistas que este país já teve, como o companheiro Jaques Wagner, como o companheiro Dulci, que foram dirigentes sindicais de alta representatividade no nosso país, na mesa de negociação ouvindo, discutindo, conversando, dizendo o que era possível, o que não era possível. E nós conseguimos fazer um acordo assinado por todas as entidades.

No ano que vem, vamos ter que aperfeiçoar e, quem sabe, fazer um acordo melhor. Mas nós haveremos de criar neste país uma outra consciência, uma outra relação, uma relação de confiança, uma relação em que as pessoas acreditem que o governo está sendo sincero com elas, e o governo acredite que eles também estão sendo sinceros, porque quem negocia, quem está aqui e já negociou, sabe como é que é. O Tarso já foi bom advogado trabalhista e sabe que, muitas vezes, é melhor fazer um acordo com pessoas que, quando



aceitam o acordo, vão para a Assembléia e convencem a sua categoria, que aceita aquele acordo. Outros, você pode fazer ou não, porque não representam nada e a categoria não vai acatar mesmo.

Então, nós queremos estabelecer essa seriedade e chamar os nossos companheiros dirigentes sindicais para essa partilha junto conosco. Esse é um avanço que, possivelmente, não seja medido com a rapidez. O tempo é que vai provar o acerto da nossa política nessa relação com a sociedade.

E, por último, eu quero dizer da nossa relação com o Congresso Nacional. Um dos argumentos utilizados contra mim era: “Como é que vocês vão governar com minoria no Congresso Nacional?” Isso valeu para mim, valeu para muitos de vocês, e valeu para outros governos em outros momentos. E nós estamos provando que é possível construirmos essa maioria, quando há uma relação e quando há disposição de que essa relação exista da forma mais democrática possível e da forma mais aberta possível.

E eu acho que nós estamos provando ao povo brasileiro que é possível ter uma relação sadia entre o Poder Executivo e o Poder Legislativo, de que é possível substituir a relação “é dando que se recebe” por uma relação feita de programas, feita com coisas combinadas, que possam trazer melhorias para a sociedade brasileira. E esse é um desafio que não é do Presidente da República, não é do ministro Aldo Rebelo, não é do ministro Palocci, do Celso Amorim, do José Alencar, do José Dirceu, é um compromisso nosso, do governo e, eu diria, tem que ser um compromisso também dos deputados e dos senadores do nosso querido país.

Por último, companheiros, quero dizer que o que nós apresentamos, deu para vocês um pouco da totalidade das coisas que foram realizadas até agora. Certamente, na exposição do José Dirceu, até porque não tinha tempo de mostrar tudo, tem muito mais coisas que podem estar contidas, tem várias revistas, ou seja, tem a totalidade das coisas que foram feitas, para que cada um de vocês, ao terminar esta reunião e começar a fazer viagens pelo Brasil



afora, tenham as informações. Muitas vezes alguém pergunta o que está fazendo tal área do governo. O Celso Amorim, como tem viajado muito comigo, muitas vezes, não é obrigado a saber. Se ele tiver informação, ele não vai dizer para o repórter: “Essa não é minha área, eu não falo sobre isso.” Não. Ele vai dizer: “Esse é o meu governo e nós estamos fazendo isso.” E assim, que cada um de vocês possa ter conhecimento do que aconteceu em outra área para que a gente possa ter o conjunto das coisas que nós conseguimos realizar.

Eu quero dizer para vocês que, nesses 18 meses, estou feliz. Estou feliz com vocês, estou feliz com o que nós fizemos até agora. Não me perguntem se era tudo que eu queria fazer, porque eu queria fazer muito mais. Eu, quando jogava bola, não fui um jogador do nível que eu pensava que era, mas eu sempre queria acabar com o jogo no começo, marcar todos os gols possíveis. Aí, eu percebi que tem goleiro adversário, que tem lateral e que é preciso ter paciência para marcar o gol. O que é importante é o que diz o Parreira: “Não perder a bola já é um indício extraordinário de que você vai ganhar o jogo.”

Então, o que nós não podemos é perder uma coisa, que não é a bola. O que nós não podemos é permitir que alguma crítica, alguma insinuação, muitas vezes verdadeira, às vezes, maldosa, possa mexer com a auto-estima de cada um de nós.

Nós, daqui a algum tempo, seremos lembrados pelo povo brasileiro, seremos lembrados pelos nossos companheiros, seremos lembrados pelos nossos filhos, não por aquilo que a gente queria fazer, mas por aquilo que a gente foi capaz de fazer. E eu não tenho dúvida nenhuma, olhando na cara de cada companheiro ministro, que pode ter tido governo com ministro igual, mas eu duvido que tenha tido governo com um ministério melhor do que o meu. Não estou dizendo isto para que vocês pensem que já realizaram a obra de vocês, pois, como eu, estão com apenas 18 meses de governo. É preciso trabalhar cada vez mais, é preciso perceber que o dia não termina com 8 horas de trabalho, às vezes, são 24, às vezes, são 12. É preciso que a gente tenha



disposição de saber que aquilo que fizemos de bom, muitas vezes, não terá ninguém para se lembrar. Mas, tudo aquilo que a gente deixar de fazer, quando a gente menos esperar, terá alguém cobrando de nós, porque nós não fizemos. E como eu acredito em vocês, na qualidade de vocês, na dignidade de vocês e no compromisso de vocês, eu não tenho dúvida nenhuma, meus companheiros, que nós haveremos de terminar o nosso governo podendo fazer uma aferição, não com um programa de outros governos, mas com o programa com que nós nos comprometemos a ganhar as eleições e, sobretudo, com a certeza que poderemos deitar a cabeça no travesseiro e dormir o sono dos justos e dos honestos porque fizemos, senão tudo que queríamos, mas aquilo que foi possível fazer.

Por isso, muito obrigado a vocês por esses 18 meses. Temos dois anos e meio pela frente, ainda temos muito mais tempo pela frente e, portanto, vocês podem fazer muito mais. Eu posso fazer muito mais. E, com cada um de nós fazendo aquilo que é possível fazer, certamente nós iremos atender a um apelo maior, que é melhorar a vida do povo brasileiro.

Muito obrigado.